CORREIO DO POVO

O fim da hiperinflação
Especialistas avaliam o Plano Real, que está completando 30 anos e trouxe a estabilização da moeda brasileira

Cultura solidária
Música, literatura, artesanato e culinária integram o Festival Cultura Negra RS Solidária neste domingo

Ajuda acadêmica
Pesquisadores de instituições de ensino superior participam de comitê para a reconstrução do Estado

ANO 129
Nº 274
PORTO ALEGRE,
DOMINGO
30/6/2024



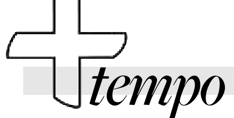
RS, SC: 4,50 | POA: 4,00

PEDRO PIEGAS

+DOMINGO

Cenas da catástrofe

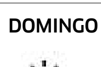
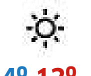
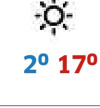
O Vale no Taquari ainda enfrenta um cenário de destruição depois de uma sequência de enchentes que destruíram várias cidades da região. Hoje, destroços, lodo e terra fazem parte da vida dos moradores, que buscam se reerguer



Domingo terá sol, muito frio e geada

Centro de alta pressão associado a uma massa de ar polar cobre o Rio Grande do Sul com um domingo de tempo aberto e ensolarado. O começo do dia é de frio muito intenso em quase todo o Estado até extremo em baixadas de regiões de altitude. Marcas perto de 0ºC e negativas em muitas cidades ao amanhecer, o que trará geada em quase todo o RS. Mesmo com sol, a tarde será fria. No fim da tarde e à noite, a temperatura despenca e o frio volta a ser intenso. A geada começa a se formar à noite novamente.

Previsão para Porto Alegre:

DOMINGO	SEGUNDA
  	
4º 12º	2º 17º



GRUPO RECORD RS

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1° DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE
Marcelo de Sousa Dantas
presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO
Telmo Ricardo Borges Flor
telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL
João Müller
jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600 e 0800.0099100
atendimento@correiodopovo.com.br
Atendimento presencial:
Rua Caldas Júnior, 219
das 8h30min às 17h
Redação: Rua Caldas Júnior, 219
Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

COMERCIAL
Atendimento às Agências: (51) 3215.6169
Teleanúncios: (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br
Operação Comercial: Fone (51) 3215-6101
ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

FILIADO



VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior RS/SC/PR
Digital (todos os dias)	R$48,00	R$ 48,00
Imp. Sáb./Dom.	R$ 71,00	R$ 78,00
Imp. Seg. a Sex.	R$ 94,00	R$ 103,00
Imp. Seg. a Dom.	R$ 109,00	R$ 119,00

VENDA AVULSA
Capital-POA: R$ 4,00
Interior/RS e SC: R$ 4,50
Demais Estados: R$ 6,00 mais frete



Leia mais em correiodopovo.com.br/blogs/**fotocorreio**



Foto: Pedro Piegas | Texto: Paulo Mendes

Eterna magia que não morre

O mar de lama que inundou o Estado, principalmente a Região Metropolitana, em maio, destruiu lares, estragou móveis e imóveis, casas e sonhos, sem falar em coisas menores, mas com valores afetivos indizíveis. Gente que ama os livros sabe do que estou falando. Teve quem perdeu tudo, carro, casa, eletrodomésticos, roupas, mas sente mesmo foi a perda de suas memórias plasmadas nas fotografias que se foram embora nas enxurradas. Porém, houve pessoas que ficaram sem seus amados livros, dizimados pelas águas apodrecidas que invadiram as casas, subiram pelas estantes e inutilizaram muitas obras que se transformaram em lixo. São romances, contos, crônicas que marcaram corações e mentes, algumas obras raras, repassadas de geração em geração, cuidadosamente guardadas para que as histórias tão queridas ficassem sempre à mão, para serem vez por outra revisitadas. Muitos acervos terão que ser refeitos, mas a arte não morre, uma bela narrativa sempre poderá ser reposta. Outras estantes se erguerão e novos livros estarão à espera de serem abertos parta que façam, como sempre, a eterna magia da leitura.



Leia mais em correiodopovo.com.br/**colunistas**



Taline Oppitz

Promessas

O auxílio da União ao setor agrícola gaúcho foi tratado em reunião na sede da Farsul. Parte das iniciativas será lançada na próxima quarta-feira, em Brasília.



Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista



Hiltor Mombach

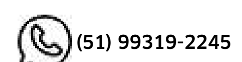
Lógica

A lógica do futebol é que o futebol não tem lógica. Isso fica escancarado na partida entre Grêmio e Fluminense, neste domingo. Não há como arriscar prognóstico.



Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Para mais conteúdos multimídia, siga o Correio do Povo nas redes sociais e plataformas de streaming de áudio:

 @correio_dopovo  CorreioDoPovo  correiodopovo  correiodopovoplay  (51) 99319-2245  Correio do Povo

Há 30 anos, Brasil se livrava da hiperinflação

Em 1º de julho de 1994, entrava em circulação o real e, junto com a nova moeda, a implementação do plano de estabilização econômica que permitiu aos brasileiros derrotarem a inflação que superava 80% ao mês

POR KARINA REIF

FERNANDO PLANELLA / CP MEMÓRIA



O Movimento das Donas de Casa, um mês após o início do plano, organizou um boicote nacional em protesto contra aumentos considerados abusivos

Há 30 anos a rotina dos brasileiros era correr ao supermercado assim que o salário chegava e estocar tudo o que era possível, porque no dia seguinte os preços já estavam reajustados. Etiquetas ficavam sobrepostas para a remarcação dos produtos e era impossível fazer um planejamento financeiro familiar devido à instabilidade econômica, o que impedia qualquer tipo de previsão. "A vida era um desespero", define a economista e professora de MBAs da FGV Carla Beni. A entrada em circulação do real em 1º de julho de 1994 mudou totalmente o cenário. Naquela época, a inflação mensal superava 80%. A implementação da nova moeda ocorreu de forma processual. "A primeira coisa é que o plano veio depois de seis planos anteriores. Tínhamos um somatório do que deu errado. Uma lista do que não fazer", explica.

O professor titular do Departamento de Economia da Ufrgs Fernando Ferrari Filho enfatiza que, diferentemente de outros planos de estabilização monetária implementados anteriormente, tais como Cruzado, Bresser e Collor, cuja medida principal era o congelamento temporário de todos os preços, no Plano Real foi adotada uma estratégia baseada em três fases. "Inicialmente, ocorreu um ajuste fiscal emergencial que fez com que, às vésperas da reforma monetária, em julho de 1994, o setor público estivesse equilibrado. Em segundo lugar, houve a desindexação dos ativos da economia através da introdução da URV (média dos principais índices de inflação da ocasião)", detalha Ferrari. Houve uma espécie de "conversão" de preços e salários e, por fim, recorda o economista, em julho de 1994 se consolidou a reforma monetária, isto é, a introdução do real como moeda de curso legal.

Segundo o professor, com a criação do real, duas âncoras foram importantes para estabilizar os preços: a cambial, que equiparou a moeda nacional ao dólar, e a taxa de juros, que tinha como objetivo, devido à expressiva diferença entre os juros nominais interno e internacional, atrair fluxos de capitais externos. Nos primeiros anos, houve uma melhora de poder de compra da população e o consumo, principalmente, de bens, cresceu. "No curto prazo, a mudança de preços relativos beneficiou a população e a distribuição de renda melhorou", avalia Ferrari.

Ao longo de três décadas, o Plano Real representa êxito em relação à estabilização e ao controle do processo inflacionário no Brasil. Por outro lado, o crescimento econômico do período é considerado baixo, com taxa média de elevação do PIB de 2,2% ao ano. "O Plano Real foi tão somente um plano de estabilização monetária que, em momento algum, se preocupou em apresentar uma estratégica pró-crescimento econômico, principalmente porque, para os 'pais' do Plano Real, o crescimento econômico ocorreria naturalmente com a inflação civilizada", avalia o professor da Ufrgs, indicando que a expectativa de desempenho não foi concretizada.

Para Carla Beni, o grande efeito, além da estabilização da moeda, foi a redução da população considerada miserável, que recuou de 35% para 22% em dez anos. Ela explica que as faixas mais pobres são as que sofrem mais com a inflação. "Essa população consome a renda com itens básicos, principalmente", esclarece, lembrando que não sobra dinheiro para investir. Fora isso, a economista e professora entende que a estabilização econômica contribuiu ainda para um efeito colateral na dívida pública. "Do ponto de vista interno, tinha mais legitimidade", declara. O benefício é financiar a dívida pública na moeda local, sem precisar financiar em dívida externa, o que exige pagamento em dólares. "Você precisa de uma moeda estável, minimamente, para poder ter confiança e poder emitir títulos em reais e pagar em reais", esclarece Beni. Contudo, a taxa de câmbio valorizada do início do plano afetou o setor exportador. "Para se ter uma ideia, em julho de 1994, a taxa de câmbio era R$ 1 igual a 1 dólar e, em dezembro de 1998, atingiu o valor de R$ 1,21 por 1 dólar. Como consequência, o saldo da balança comercial acumulou, no período 1994-1998, um déficit de quase 12 bilhões de dólares e as reservas cambiais caíram substancialmente, a ponto, inclusive, de termos enfrentado uma crise cambial no início de 1999", resume Ferrari. O saldo negativo da balança comercial somente foi revertido em 2001, de acordo com o professor, quando a taxa de câmbio, a partir de 1999, passou a ser flexível. "Hoje, os tempos são outros: o setor que dinamiza a economia brasileira é o setor externo, tendo a balança comercial atingido um saldo de quase 100 bilhões de dólares em 2023."

Passados 30 anos, o legado do Plano Real é o controle da hiperinflação, que ficou no passado dos brasileiros. Mesmo que haja críticas, a professora Carla Beni avalia que não existe expectativa nem necessidade de um novo sistema para substituir o atual.

CONTEXTO DA ÉPOCA

A necessidade de substituição integral das cédulas em 1994 fez o governo federal preparar uma operação de produção e distribuição. Além da Casa da Moeda, que fabricou todas as notas de R$ 1 e de R$ 100, foram contratados três fornecedores estrangeiros para a produção de 260 milhões de cédulas de R$ 5, R$ 10 e R$ 50. Diversas viagens precisaram ser realizadas até o dia 30 de junho. A população se enfileirou em bancos para fazer a troca do dinheiro.

Durante a implementação, o Movimento das Donas de Casa e outras entidades faziam fiscalização dos preços cobrados para evitar distorções. Um mês após o início do plano, foi realizado boicote nacional em protesto contra os aumentos considerados abusivos de valores de produtos nos supermercados, principalmente itens da cesta básica. Um grupo chegou a organizar um "escambo doméstico" nas ruas de Porto Alegre para evitar as compras nos mercados tradicionais e pressionar a redução dos preços. A Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) também verificava as cobranças em estabelecimentos pelo país, assim como o Inmetro.

PEDRO PIEGAS

Regiões na beira do rio Taquari, como no município de Cruzeiro do Sul, estão tomadas por entulhos e lodo

Registros de um cenário de guerra

No dia 2 de maio, o rio Taquari atingia 33,35 metros em Lajeado naquela que seria a maior cheia da história do vale. Regiões ribeirinhas foram devastadas, principalmente nos municípios de Arroio do Meio e Cruzeiro do Sul.
Muitas outras cidades da região, como Roca Sales, Encantado e Muçum, ainda sofrem com as cheias de 2023 e voltaram a registrar estragos. Pouco menos de 60 dias depois da enchente histórica, o cenário seguia como sendo o de uma guerra, com escombros, lodo e poucos vestígios de construções que um dia já foram palco de histórias de vida.

PEDRO PIEGAS



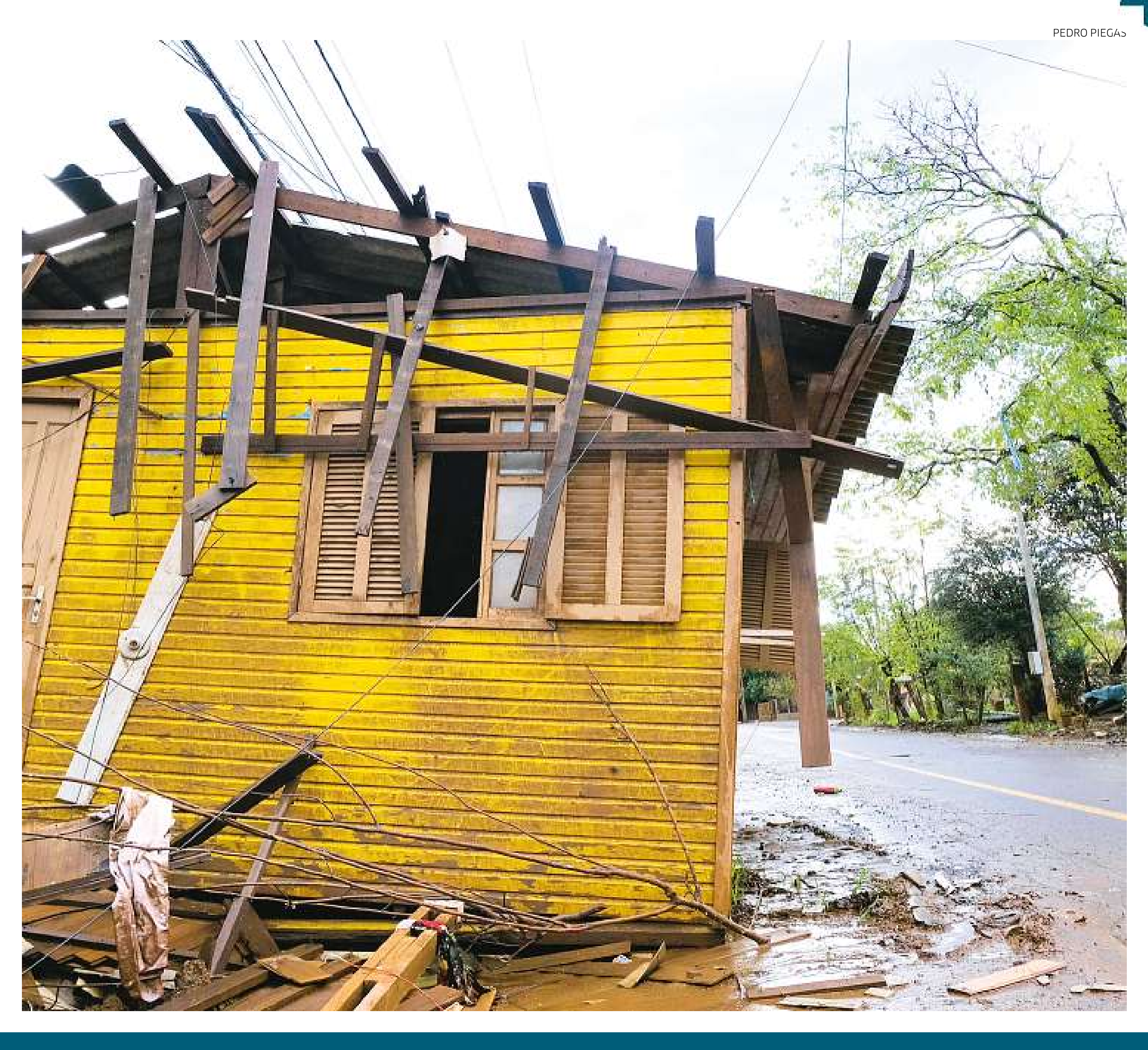
Lajeado

■ No centro de Lajeado, nas proximidades da orla do Taquari, os primeiros de andares de prédios construídos na beira do rio apresentam o cenário de destruição. Apenas os andares superiores ainda possuem um resquício de vida por não terem registrado devastação.
Já nas proximidades da avenida Beira Rio, o cenário é de guerra. Restos de tijolo, concreto e madeira que um dia já foram base para casas no bairro Colinas hoje se tornam um amontoado de entulho.
Para dentro do pátio das casas, é possível identificar que há uma camada de mais de 30 centímetros de lodo ocupando aquilo que um dia já recebeu brincadeiras em família ou mesmo um momento de lazer em um fim de tarde. Em uma das casas, na esquina com a rua Itajaí, uma mensagem escrita com barro no vidro de uma porta de uma casa reforça o prejuízo além do material ocasionado pela enchente: "Aqui tinha história".
Ainda na avenida Beira Rio, no sentido a Cruzeiro do Sul, um veículo bloqueia a pista. Entretanto, o motivo não é falha mecânica, mas sim a destruição que a Renault Scenic sofreu com a força do rio. Seu chassi retorcido aponta que o carro pode ter sido arrastado pela água e colidido com estruturas no caminho. No trecho, a camada de asfalto também foi arrancada da pista, parando alguns metros ao lado.

Cruzeiro do Sul

■ Na localidade de Passo Estrela, em Cruzeiro do Sul, um morador deixou um aviso para quem passa pelo local: "Oi gente. Não mecha (sic). No pouco que sobrou vou tentar reconstruir. Aceito material", aponta a mensagem de socorro da família. O muro que protegia a casa caiu inteiramente sobre a pista, restante apenas o portão estreito que dá acesso ao pátio. Na base do muro, outras placas pediam para que intrusos não entrassem na propriedade para roubar o pouco que restou.
Esta localidade ficou conhecida depois de circularem vídeos de resgates de famílias inteiras por helicóptero, depois de os moradores angustiarem por horas aguardando socorro. Infelizmente, alguns destes vídeos registram também a tragédia de casas sendo arrastadas.
Ainda em Cruzeiro do Sul, próximo da beira do rio, uma casa de madeira (foto) obriga os carros a desviarem pela contramão. O motivo: ela foi arrastada pela força da água e parou em cima do muro da propriedade ao lado, cerca de 10 metros do ponto original da casa. Onde ela ficava, restou apenas o banheiro, fabricado em concreto, e uma parte da parede de madeira pintada de amarelo.
No Centro, o cenário de guerra se repete, principalmente na beira do Taquari. Em vez de algumas poucas casas, um quarteirão inteiro foi varrido do mapa, restando apenas os escombros acumulados sobre o terreno ribeirinho.

PEDRO PIEGAS



PEDRO PIEGAS



Arroio do Meio

■ Rumo ao norte de Lajeado, depois da ponte de ferro refeita por empresários da região, a cidade de Arroio do Meio dá boas vindas com lama na lateral da estrada e resíduos carregados pela correnteza para o topo de árvores, indicando a altura que o Taquari atingiu. No bairro Navegantes, próximo ao balneário, muitas casas foram varridas. Paredes estão no chão, com portas e janelas quebradas. Moradores relatam que, em alguns pontos do bairro, havia escombros de até 4 metros de altura, formado por lixo e restos de árvores, trazidos pela forte correnteza do rio. A marca barrenta nas paredes é o indicativo concreto de até onde a destruição chegou.

Encantado

■ Subindo a ERS 130 em direção à região do Alto Taquari, o cenário se mantém. Em Encantado, o bairro também chamado de Navegantes foi um dos mais atingidos. Entretanto, a maioria das casas não possui marca barrenta. Em vez de atingidas parcialmente, elas ficaram submersas.

Roca Sales

■ Roca Sales também vive em meio a escombros. Logo na entrada, uma grande área destruída, repleta de pedras e tijolos mostra a gravidade da situação. De norte a sul, o Vale do Taquari convive com reflexos de quatro grandes enchentes em menos de um ano e busca forças para se reconstruir.

Conhecimento e pesquisa apoiam reconstrução

Meio escolar e acadêmico, que foram tão presentes no combate a dificuldades imediatas das cheias no Estado, agora empreendem ações e esforços diversos na busca por soluções para combater prejuízos e evitar futuros danos

POR MARIA JOSÉ VASCONCELOS

Tão ágil quanto foi a resposta do ensino gaúcho para combater imediatos problemas gerados pelas enchentes no Estado – como acolhida, abrigo, arrecadações e doações –, agora tem sido o empenho por ações que aproveitem conhecimento e pesquisa na busca por soluções a problemas gerados.

Do ensino público ao privado, da Educação Básica à Superior, surgem articulações variadas para enfrentar desafios que ainda estão sendo descobertos, conforme a rotina rio-grandense é retomada.

COMITÊ CIENTÍFICO

Composto por especialistas e pesquisadores de diversas áreas em Instituições de Ensino Superior (IES), foi instalado pelo governo estadual, neste mês (em 26/6), o Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática do Plano Rio Grande, com foco na contribuição acadêmica para a reconstrução do Estado. O grupo terá a missão de analisar e propor ações e políticas públicas voltadas ao enfrentamento da crise climática no RS.

Com a proposta de orientar ações de governo, os planos de obras para a proteção de cidades – como construção de diques, desassoreamento de rios e mapeamento topográfico para sistemas de alertas climáticos – serão submetidos ao Comitê, sob coordenação da secretária de Inovação, Ciência e Tecnologia do RS, Simone Stülp.

JURGEN MAYRHOFER / DIVULGAÇÃO / CP



Comitê Científico, formado neste mês pelo governo estadual, terá 43 integrantes fixos e contará com contribuições de consultores convidados. O foco é na contribuição acadêmica para a reconstrução do Estado.

Estão neste trabalho, universidades como Ufrgs, PUCRS, UFCSPA, UFSM, Furg, UFPel, USP, PUCRJ, Unipampa, IFRS, Uergs, Unisinos, Univates e UCS. A Universidade de Caxias, por exemplo, destaca que é protagonista no desenvolvimento de ações e ferramentas para enfrentar e gerir os riscos associados a tragédias climáticas e desafios urbanos contemporâneos na Serra Gaúcha. E revela que, recentemente, apresentou, a prefeitos e secretários de municípios da região, os projetos Cidades Resilientes e ReNova Cidades, voltados a preparar cidades para desastres naturais e mudanças climáticas e enfatizando a importância de planejamento e governança eficazes para construir uma resiliência urbana sustentável.

ESTUDOS SOBRE DESASTRES

Pesquisadores do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres do RS (Ceped-RS) da Universidade Federal do RS (Ufrgs) reuniram-se neste final de mês (em 28/6), para traçar linhas estratégicas de atuação. Criado em 2011, a partir de termo de cooperação técnica entre Ufrgs, Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil e Coordenação Estadual de Proteção e Defesa Civil, desde então o Centro tem atuado e colaborado em projetos para a redução dos riscos de desastres em território gaúcho. Neste momento em que o Estado sofre os efeitos de uma grande catástrofe, o Ceped está em processo de rearticulação. O diretor do Centro da Ufrgs, Joel Avruch Goldenfum, explica o empenho para reunir trabalho de professores e pesquisadores da Ufrgs e estabelecer parcerias na sociedade, buscando atuação em rede, para reunir saberes multidisciplinares em torno de propostas concretas para a construção de uma cultura de prevenção. Dados: www.ufrgs.br/ceped-rs.

SERVIÇO GEOLÓGICO

Com estudos que contribuem para a prevenção de desastres, neste mês, o Serviço Geológico do Brasil (SGB) concentrou estudos na Serra gaúcha. Até 28/6, pesquisadores estiveram em Canela, Gramado e Nova Petrópolis mapeando as áreas de risco nos locais indicados pelas defesas civis.

O chefe do Departamento de Gestão Territorial do SGB, Diogo Rodrigues, defende esse trabalho, que "permite indicar onde estão casas e outros imóveis com potencial de sofrer danos, em caso de deslizamentos e inundações provocados por chuvas intensas". Ele também informa que o Serviço apresentará recomendações de medidas que podem ser adotadas – em curto, médio e longo prazos – para evitar ou reduzir os riscos.

O Serviço Geológico, ligado ao Ministério de Minas e Energia, desenvolve estudos voltados a contribuir para ações efetivas. O mapeamento de áreas de risco é norteado pela Lei 12.608/2012, que atribui ao governo federal o dever de oferecer apoio aos municípios e estados que não possuem capacidade técnica para essa atividade essencial para prevenção e respostas a desastres. E com as informações técnicas, gestores públicos podem identificar áreas de intervenção, promover políticas públicas mais precisas e direcionar recursos para a realização de obras e outras ações nas áreas que oferecem riscos. No RS, existem 64 municípios mapeados pelo SGB. Acesso: https://tinyurl.com/39c87pd9.

IMPACTOS DAS ENCHENTES

Nas instituições de ensino, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Privado do RS (Sinepe/RS) aponta que questões como saúde mental, gestão financeira e recuperação das atividades pedagógicas estão entre os temas que mais suscitam dúvidas. Por isso, para superar o período pós-enchente, a entidade lança, em sua plataforma de vídeos, no Sinepe Play (www.sinepersplay.com.br), a série "Enchente 2024 e Seus Impactos". São 5 episódios com psicólogos, psiquiatras e especialistas em gestão, que orientam e dão dicas para escolas atingidas, podendo interessar redes pública e privada. O material tem acesso aberto e gratuito a partir de cadastro na plataforma.

Dia da melhor voz do Brasil

Neste domingo, às 18h, na Record, ocorre a grande final do 'Canta Comigo 6', com 13 candidatos e apresentação de Rodrigo Faro

A grande final da sexta temporada do programa Canta Comigo acontece neste domingo, 30, às 18h, na tela da Record. Cantores e cantoras disputam o troféu de melhor voz do país e os R$ 300 mil. Depois de 11 episódios, 13 finalistas vão para o tudo ou nada, são eles: Adjotta, Exther, Gaby Olliver, Thuany Schnaider, Alisson Vianna, Sayô, Luan Richard, Tânia Mayra, Welisson Galvão, Tirza Almeida, Carol Marques, Vanessa Novato e Paula Magh.

Os hits escolhidos pelos finalistas são "Pra Sempre Vou te amar" (Robinson Monteiro); "Rise Up" (Andra Day); "Summertime" (Fantasia Barrino); "Melodia Sentimental" (Villa Lobos); "Por um Minuto" (Bruno & Marrone); "Pé na Areia" (Diogo Nogueira); "Falando Sério" (Luan Santana); "Sonhos de um Palhaço" (Antonio Marcos); "Uma Vez Mais" (Ivo Pessoa); "His Eye on the Sparrow" (Lauryn Hill); "The Power of Love" (Celine Dion); "Canção do Mar" (Dulce Pontes); "The Sound of Silence" (Diisturbed); e outras.

Os 100 jurados vão definir como fica o Top 3, mas quem decide o vencedor ou vencedora do "Canta Comigo 6" é o público de casa. Depois que o pódio com três participantes for formado, a votação será aberta no R7.com e haverá um QR Code na tela para as torcidas escolherem quem ganha a disputa musical. O programa apresentado por Rodrigo Faro teve início no dia 14 de abril.

Dos 13 finalistas, Adjotta tem 24 anos, nasceu em São Paulo (SP) e mora em Embu das Artes (SP). Ele recebeu 100 pontos e emocionou os jurados quando cantou "Creep", do Radiohead. Se interessou pela música ainda criança, vendo a mãe cantar. Aos 18, decidiu se profissionalizar na área.

Exther é cantora e arquiteta, tem 33 anos, nasceu e mora em São Paulo (SP). Ela cantou "Fever", de Peggy Lee, e fez 100 pontos. No começo, Exther se apaixonou por Cartola e depois por Jazz. Gaby Olliver tem 35 anos, nasceu em São Paulo e mora em Santo André (SP). Fez os 100 jurados se levantarem para cantar "And I Am Telling You I'm Not Going", de Jennifer Hudson. Aos 18, começou a cantar profissionalmente.

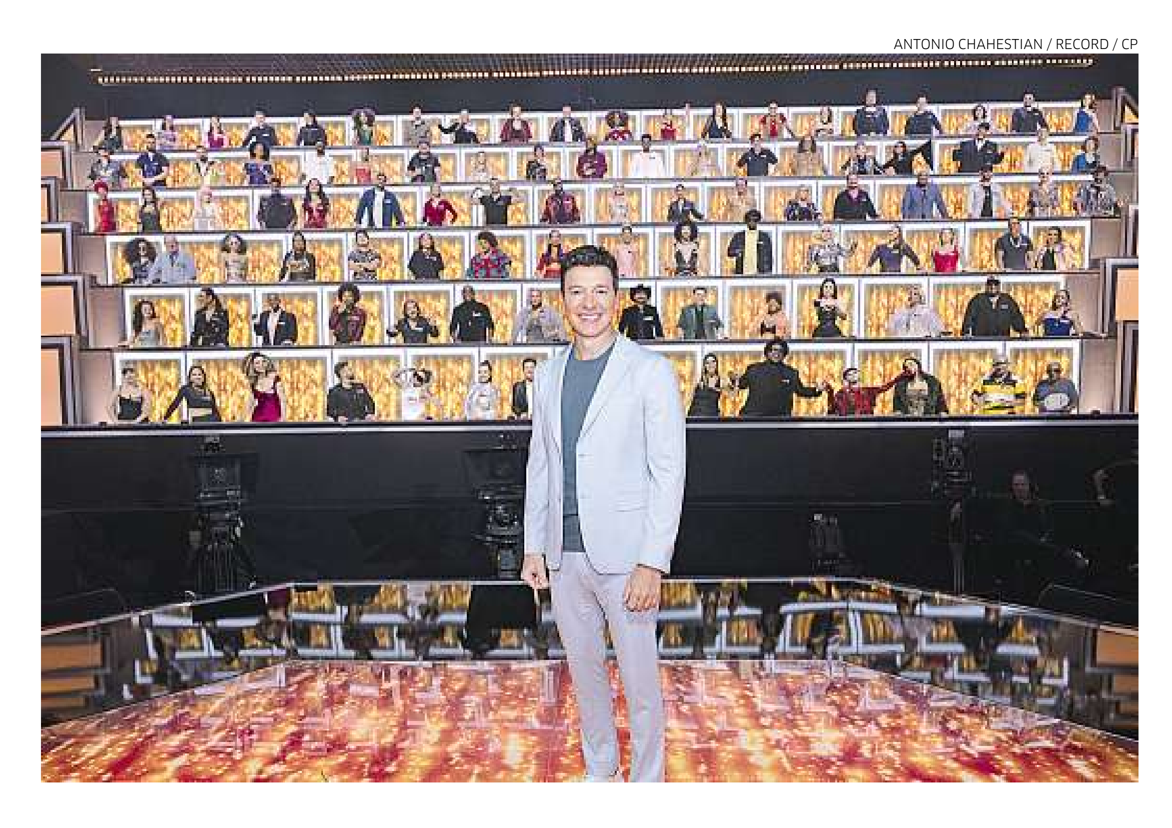
Thuany Schnaider tem 34 anos, nasceu e mora no Rio de Janeiro. Foi à a semifinal com "Canto Della Terra", de Andrea Bocelli. Começou a cantar por influência da avó. Alisson Viana tem 25 anos, nasceu e mora em Mogi-Guaçu (SP). Cantou "Dois Corações e uma História", de Zezé di Camargo e Luciano, e chorou ao ver que fez 100 pontos. Canta profissionalmente desde os 13 anos.

Saiô tem 27 anos, nasceu em Ipiaú (BA) e mora em Itatiba (SP). No duelo final, Sayô cantou "Tempo de Alegria", de Ivete Sangalo. Luan Richard tem 32 anos, nasceu e mora em São Paulo. Com a canção "Sapato Velho", do Roupa Nova, emocionou os 100 jurados. Luan tem 20 % da visão. A família toda é deficiente visual.

Tânia Mayra tem 71 anos, nasceu no Rio de Janeiro e mora na Praia Grande (SP). Cantou "Black Is Beautiful", de Elis Regina, e fez 100 pontos. Welisson Galvão tem 24 anos, nasceu e mora em Porto Real do Colégio (AL). Welisson é indígena do povo kariri-xokó.

Tirza Almeida tem 31 anos, nasceu e mora em Salvador (BA). Foi a primeira a cantar na semifinal. Cantou "Amazing Grace", de John Newton, e fez 100 pontos, terminando em primeiro. Carol Marques tem 42 anos, nasceu em Itapira (SP) e mora em Socorro (SP). Foi a 1ª finalista da temporada. Vanessa Novato tem 46 anos, nasceu em Pouso Alegre (MG) e mora em São Paulo. Cantou "Non, Je Ne Regrette Rien", de Edith Piaf, e levantou os jurados. Paula Magh tem 32 anos, nasceu e mora em Fortaleza (CE). Foi para o duelo final representando a canção "Der Hölle Rache" (Rainha da Noite de Mozart).

ANTONIO CHAHESTIAN / RECORD / CP



Rodrigo Faro apresenta a final do 'Canta Comigo 6', neste domingo, a partir das 18h, na Record



Luiz Gonzaga Lopes

@luizgonzagalopes_

Juntos pela leitura no RS

Em meio à tragédia que assolou o RS, a TAG mobiliza a comunidade leitora nas cinco regiões do país, bem como editoras e parceiras para campanha de reconstrução das bibliotecas em municípios atingidos pela enchente. Estima-se que mais de 100 mil livros foram destruídos pelos alagamentos de maio. Em parceria com o Instituto Cervantes e Secretaria de Estado da Cultura (Sedac-RS), a campanha "Juntos pela Leitura no RS" arrecada obras dos mais variados gêneros. As editoras parceiras podem doar livros novos e a comunidade leitora, livros usados em bom estado, 100% legíveis, sem manchas ou sujeira. A campanha se concentra em reunir as doações no Instituto Cervantes. Quem mora fora do RS, pode remeter os livros ao Instituto Cervantes (João Caetano, 285 - Três Figueiras, Porto Alegre - RS, CEP: 90470-260) ou entregar diretamente no ponto de coleta na Feira do Livro do Pacaembu, que ocorre até 7 de julho, na Praça Charles Miller, em São Paulo. Localizada no Instituto Caldeira, a sede da TAG foi atingida pelas enchentes. Houve perdas de equipamentos eletrônicos, mobiliário, que contabilizam R$ 200 mil, além de bens simbólicos, como livros autografados, uma carta de Luis Fernando Verissimo, entre outros itens. A sede da TAG passa por limpeza, cujo término deve ocorrer até agosto.

BRUNO MIGUELL / DIVULGAÇÃO / CP



Localizada no Instituto Caldeira, a sede da TAG foi atingida pelas enchentes, houve perdas de equipamentos, livros e bens simbólicos

Trabalho na Cultura

O Painel de Dados do Observatório Fundação Itaú destacou que, no 4º trimestre de 2023, a economia criativa registrou crescimento de 6% (43 mil postos a mais) nos postos de trabalho a profissionais de cultura, em comparação a igual período de 2022. Fechou o ano com 770.444 profissionais. Ao longo do último ano, a Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (Ecic) criou 287 mil novos postos de trabalho, fechando o ano com 7,8 milhões de trabalhadores ativos. Significa 4% a mais no setor, comparado ao ano anterior, e supera os 2% registrados na economia como um todo. A oferta a profissionais especializados em indústrias criativas cresceu mais significativamente em tecnologia. O crescimento de postos de trabalho a criativos foi de 22% em 2023, fechando dezembro com 882.799 trabalhadores (150 mil a mais).

+ roteiro de domingo

VINICIUS SILVA OLIVEIRA / DIVULGAÇÃO / CP



Festival Cultura Negra RS Solidária

A diversidade da música, da literatura, do artesanato e da culinária negra integram o Festival Cultura Negra RS Solidária. O evento ocorre neste domingo na Banda da Saldanha (avenida Padre Cacique, 1355), das 11h30min até às 23h30min. A realização é da Banda da Saldanha, que também vai se apresentar, além de convidar grandes nomes como Produto Nacional, Serginho Moah, Pau Brasil, Bem Natural, Marietti Fialho, Mark B, D Piá, 3 Blacks, Seguidor F, 50 Tons de Pretas, Da Guedes feat Cristal, Negra Jaque e Positiva Dub.

O objetivo é misturar a música pop, o rap, o samba, o reggae e os dj's para fazer da arte e da cultura popular uma ferramenta de ação social. Para isso, artistas gaúchos se uniram em um *line up* com diversidade e representatividade. Paralelamente ao festival, acontecerá uma feira literária que contará com a presença do Coletivo de Escritores Negros, onde estarão expostos livros. Além disso, teremos exposição de artesanatos afro, roupas e gastronomia. Ingressos pelo site Sympla. O evento também será local para doações para desalojados.

VILMAR CARVALHO / DIVULGAÇÃO / CP



Musical infantil

"Adivinha O que É" tem apresentação neste domingo no Teatro do CIEE-RS Banrisul (Dom Pedro II, 861), 16h. Trata-se de um musical infantil que conta a história de RosaFlor, a princesa do Reino das Flores. Após um pesadelo, ela decide não mais dormir. Até que um trio de cantadores mágicos a leva para uma jornada de aventuras e músicas através da Floresta Mágica do Tempo. Inspirado no disco homônimo do grupo MPB4, o espetáculo conta com canções da música popular brasileira. A direção é de Juliana Barros.

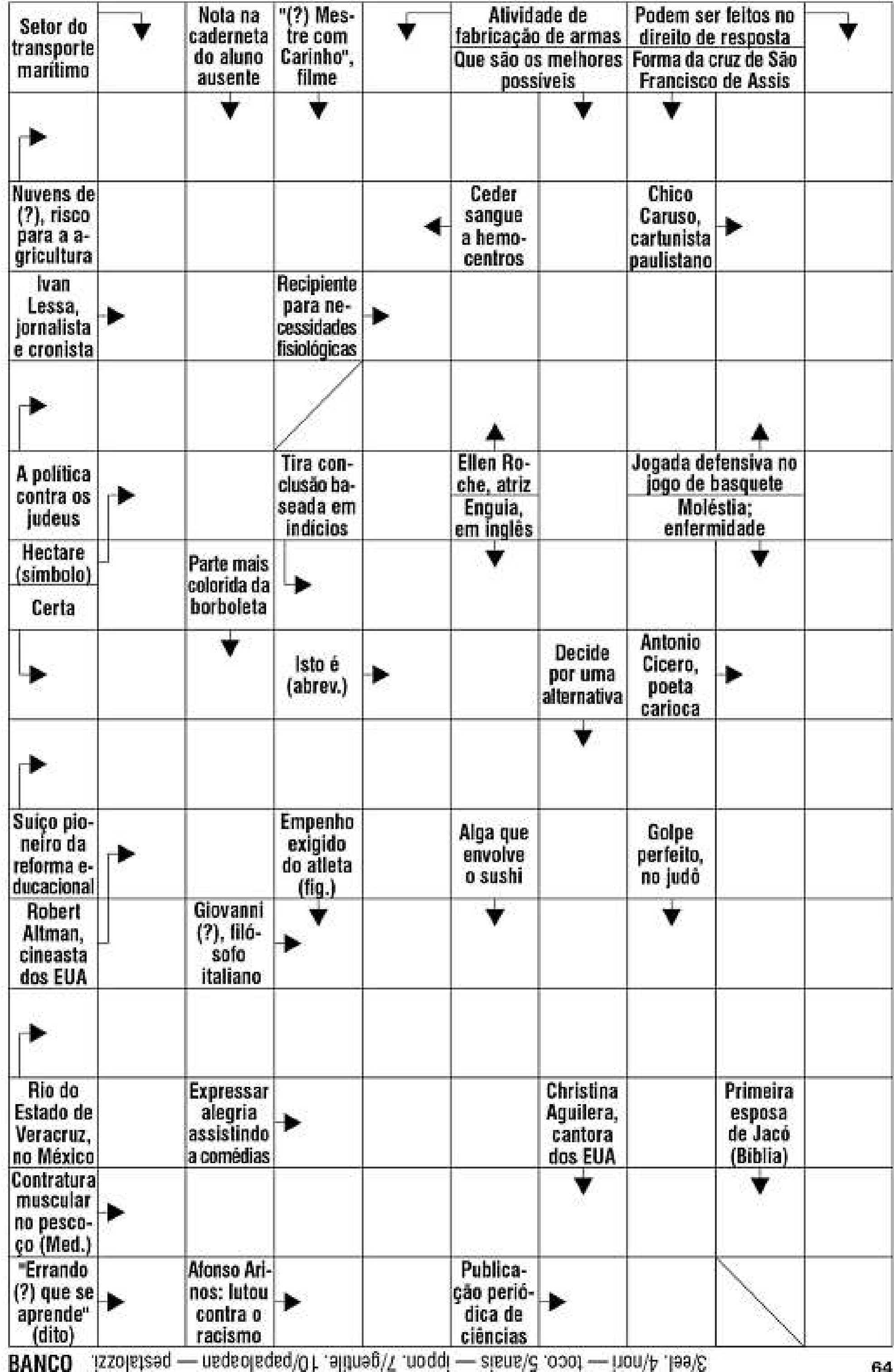
Retoma POA

O Opinião (José do Patrocínio, 834) promove o festival solidário "Retoma POA" neste domingo. O evento reúne três expoentes da nova geração local: as bandas Metanoia, Quem é Você, Alice? e Bella e o Olmo da Bruxa (foto). Com o intuito de fazer dos shows uma noite de resiliência, o Retoma POA também vai arrecadar doações para as vítimas das enchentes, como alimentos não perecíveis, agasalhos e ração para cães e gatos. O evento conta com o suporte do RS Música Urgente. Os shows começam a partir das 19h.

LUCAS EXPEDIDOR / DIVULGAÇÃO / CP



+ palavras cruzadas





SOLUÇÃO DE SÁBADO

TELEVISÃO DE DOMINGO

2 | RECORD RS
06h00 Programa do Templo
07h00 Santo Culto
08h30 Iurd
09h00 Trilegal Tchê
10h00 Trilegal
11h00 Pica Pau
11h15 Todo Mundo Odeia o Chris
14h00 Cine Maior
15h30 Hora do Faro
18h00 Canta Comigo
19h30 Domingo Espetacular
23h00 A Grande Conquista
23h45 Câmera Record

18 | RECORD NEWS
07h00 Brasil Caminhoneiro
07h30 Hora News
08h00 Agro Record News
09h00 Estado de Excelência
09h30 Agro, Saúde e Cooperação
10h00 Momento Moto
10h30 Hora News
12h30 Camera Record News
13h30 Hora News
14h00 Câmera Record
15h00 Hora News
15h30 DOC Investigação
16h30 Ressoar
17h30 Record News Investigação
18h20 Record News Séries
19h00 Soltando os Bichos
19h30 Aldeia News
20h30 Record News Repórter
21h30 Câmera Record
22h30 Domingo Espetacular

4 | PAMPA
07h00 Pampa Show
09h00 Programa Religioso
10h00 Tri Legal
11h00 Pampa Show
16h00 A Hora do Zap
17h00 Geral do Povo - Ao Vivo
20h15 João Kleber Show
23h00 Pampa Show

5 | SBT
07h00 Pé na Estrada
07h30 SBT Agro
08h00 SBT Sports
09h00 Notícias Impressionantes
09h20 Anonymus Gourmet
09h45 Na Beira do Fogo com El Topador
10h15 Masbah!
11h00 Sorteio da Tele Sena
11h15 Domingo Legal
18h15 Roda a Roda Jequiti
19h00 Programa Silvio Santos
00h00 Brooklyn 99: Lei e Desordem

7 | TVE
07h00 Cantos do Sul da Serra
08h00 Rio Grande Rural
09h00 Agronacional
10h00 Canto e Sabor do Brasil
11h00 Tempo da Terra
11h30 Na Raiz dos Festejos
12h00 Mashup à Brasileira
12h30 13 Canções para Entender o Samba
13h00 Samba na Gamboa
14h00 Sessão de Cinema
18h00 Série B - Guarani X Ponte Preta
20h30 No Mundo da Bola
21h30 DR com Demori
22h00 Saúde +
22h30 Cantos do Sul da Serra
23h30 Arraiá Brasil

10 | BAND
07h00 Entre Amigos
08h00 Band Motores
08h30 Boca no Trombone
09h00 Trilegal Tchê
09h30 Formula 1 - GP da Áustria
12h00 Viva Sorte
13h30 Show do Esporte
12h20 Copa Truck - ao vivo Potenza (MG)
13h30 Show do Esporte
13h45 Stock Car - ao vivo
15h15 Show do Esporte
15h45 Série B - Paysandu x Operário
18h00 Apito Final
20h00 Perrengue na Band
22h00 Top Cine
23h30 Canal Livre

12| RBS
06h00 Galpão Crioulo
07h20 Pequenas Empresas & Grandes Negócios
08h05 Globo Rural
09h25 Auto Esporte
10h00 Esporte Espetacular
12h30 Temperatura Máxima
14h25 Domingão Com Huck
15h40 Futebol - Grêmio X Fluminense
18h10 Domingão Com Huck
20h30 Fantástico
23h35 No Corre - Partiu Entrega

LOURDES AGATHA GUICONI/DIVULGAÇÃO/CPB

CR
correio do povo rural
rural@correiodopovo.com.br
Ano:41 Número: 2.134



Porto Alegre terá 68 hortas comunitárias

Espaços para cultivo de alimentos orgânicos serão distribuídos nas 17 regiões do Orçamento Participativo, conforme o previsto no Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, com um investimento de R$ 2,16 milhões

POTI SILVEIRA CAMPOS

A segurança alimentar e a oferta de produtos orgânicos em Porto Alegre será reforçada com a implantação de 68 hortas comunitárias, por meio de um projeto da Secretaria de Governança Local e Coordenação Política da prefeitura da Capital. A iniciativa se soma a outras similares, desenvolvidas pela administração municipal ou pela sociedade civil, que contemplam, além da disponibilização de olerícolas, frutas e legumes, aspectos sociais, pedagógicos e terapêuticos proporcionados pelas áreas de cultivo.

Com edital publicado no Diário Oficial em dezembro do ano passado, o andamento do plano foi interrompido pelas fortes chuvas e enchente ocorridas em maio, em Porto Alegre. No último dia 18, o secretário Cássio Trogildo manteve reunião virtual com a organização da sociedade civil Espaços, Cidadania e Oportunidades Sociais, do Rio de Janeiro, para definir o novo cronograma de trabalho. Vencedora da concorrência pública, a organização tem a responsabilidade de contratar um engenheiro agrônomo, quatro auxiliares de agricultura, três estagiários e 68 agentes comunitários.

O grupo terá a tarefa de implementar as hortas, "por meio de sistemas agroflorestais, e a partir disso, promover a participação comunitária, a inclusão social e a disseminação da educação ambiental, além de incentivar o consumo de alimentos saudáveis, impulsionando o desenvolvimento sustentável das comunidades contempladas", como afirma a entidade no próprio site.

No total, o investimento público é de R$ 2,16 milhões, por meio do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, para o qual estão previstos R$ 10,3 milhões. Os 68 espaços de plantio serão distribuídos nas 17 regiões do Orçamento Participativo (OP), com a escolha dos locais projetada para ocorrer em meados de agosto. Além da secretaria e da organização fluminense, delegados do OP e representantes do Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre, movimento que reúne outras 43 hortas comunitárias da Capital, ajudarão a definir as áreas destinadas à atividade. De acordo com Trogildo, existe a possibilidade de regiões do OP com maior extensão ou população serem beneficiadas com mais de quatro hortas, em detrimento de outras regiões com menor densidade demográfica e demanda.

Embora considerando o aspecto multidisciplinar das hortas, Trogildo salienta que o foco da iniciativa da prefeitura é a produção de alimentos. "Hortas são espaços espetaculares. Até alimento produzem. É um espaço de convivência, de acolhimento, dá para fazer atividades culturais. Nosso foco é a produção de alimentos saudáveis, produtos orgânicos, sem uso de agrotóxicos", afirma o secretário. Ele também destaca que deverão ser adotadas práticas de "agricultura regenerativa, que trabalha a questão do cuidado com o solo". Isso inclui cobertura com picado arbóreo, oferecido pela própria prefeitura. "O solo coberto exige um consumo menor de água e também passa a ser retentor de carbono. Retém nutrientes e estimula micronutrientes que precisam estar ali. É um solo vivo", explica.

O secretário acrescenta que as hortas serão administradas por autogestão, com os produtos destinados ao consumo das pessoas que se envolverem com os esforços necessários. "O excedente poderá ser doado e, eventualmente, até comercializado", acrescenta. Para Trogildo, a iniciativa representa ainda um passo em direção de organizar as hortas comunitárias existentes na cidade sob uma política pública. "Existem, por exemplo, várias hortas nas escolas municipais, dentro de um programa de educação", exemplifica.

O projeto da Secretaria de Governança representa a segunda tentativa da prefeitura de incentivar o surgimento de hortas comunitárias em Porto Alegre. O primeiro, então sob responsabilidade da Secretaria de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade, foi lançado em julho de 2022, estabelecendo regras para aproveitamento de áreas públicas, como parques, praças e terrários, para a finalidade. Em dezembro do mesmo ano, o decreto foi alterado, reduzindo a burocracia e permitindo parcerias. Uma única horta foi implantada, na praça Delegado Carlos Armando Gadret, no bairro Santana, mas terminou sendo parcialmente destruída com as chuvas e enxurradas de maio.

Fórum de Agricultura Urbana reúne 43 hortas

Projeto que está em vigor desde 2021 incentiva a formação de organizações coletivas de produção alimentar, mas enfrenta desafios como o abastecimento de água e compostos necessários à sobrevivência de cada local

Engenheiro agrônomo, Antônio Elisandro de Oliveira, 46 anos, se empolga ao falar sobre as hortas comunitárias de Porto Alegre e um dos principais produtos delas derivados, as plantas alimentícias não convencionais, mais conhecidas pelo acrônimo panc. Oliveira é um dos fundadores do Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre, organização informal da sociedade civil, surgido em 2021 e que hoje reúne 43 hortas, ou "experiências coletivas" da capital gaúcha. Embora não se apresente como o coordenador do fórum, o agrônomo é assim reconhecido por boa parte de seus pares, ou talvez pela unanimidade. Para ele, garantir a autossustentação desses espaços, sobretudo em relação à água e compostos, tem sido um dos principais desafios enfrentados.

"A água é um limitador generalizado", diz Oliveira, lembrando que a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, no bairro homônimo, considerada uma referência, esperou 12 anos para ser abastecida pelos serviços públicos de água e de energia elétrica. "Algumas têm trabalhado com captação de chuvas", acrescenta. Em relação aos compostos, o agrônomo explica que as hortas, com frequência, dispõem de solos rasos, com resquícios de caliça, "que precisam ser trabalhados". Na maioria dos casos, composteiras e minhocários foram implantados posteriormente ao surgimento dos espaços de plantio, fazendo uso de compostos fornecidos pela prefeitura, por meio do Departamento Municipal de Limpeza Urbana. "Só que é uma cadeia sem sentido. Mandar resíduos para o DMLU que, o que não acaba em Minas do Leão, é compostado na Unidade de Triagem e Compostagem da Lomba do Pinheiro e devolvido depois para as hortas de caminhão. É muito mais razoável encurtar a cadeia e produzir o composto junto às hortas", explica, referindo-se ao município da Região Carbonífera, no qual está localizado o aterro sanitário da Região Metropolitana.

De acordo com Oliveira, as hortas comunitárias enfrentam ainda o desafio da permanência, com existência, não raro, muito breve. Baixo desempenho na comercialização de produtos constitui outra característica das iniciativas. Alguns artigos gerados em hortas de Porto Alegre, sobretudo aqueles derivados de pancs, são vendidos em empreendimento gerenciado por Oliveira e pela mulher dele, a bióloga Márcia Quatrin Peripolli. Fundado em outubro de 2021, o Café com Panc, na Rua Riachuelo, no Centro Histórico de Porto Alegre, oferece refeições que incluem a herbácea capuchinha, cujas flores coloridas substituem com sucesso a alcaparra, além do aproveitamento das próprias folhas. O mix de flores pode incluir a cactácea ora pro nobis, a qual fornece recheio para empadas ou matéria-prima para xarope para o trato respiratório. "São produtos que, muitas vezes, as pessoas não percebem como tal", diz o agrônomo. "Acho que, até hoje, a única panc que se tornou uma commodity foi o açaí", afirma.

Saudando a intenção da prefeitura de instalar 68 hortas comunitárias nas 17 regiões do Orçamento Participativo da cidade, Oliveira, no entanto, preocupa-se com a capacidade do poder público de lidar com a "transversalidade" que seria exigida das secretarias. "O Fórum tem uma compreensão da multifuncionalidade das hortas, que atendem à área de saúde com a produção de fitoterápicos, que cumprem papel pedagógico nas escolas, o que é maravilhoso, e que oferecem oportunidade no sistema penal", exemplifica. "O poder público leva muito tempo para compreender a experiência e dar suporte", diz. "Temos algum grau de diálogo com a prefeitura", acrescenta.

ARQUIVO PESSOAL/CP



Antônio Elisandro diz que para solucionar problemas hídricos nas hortas algumas delas captam água da chuva

OUTRAS PLANTAS

O acrônimo panc, para planta alimentícia não convencional, foi criado em 2008, em Porto Alegre, pela nutricionista Irany Arteche. Para outros pesquisadores, o termo pode substituído por "mato de comer", por exemplo.



ORNAMENTO E ALIMENTOS

A herbácea capuchinha é uma planta ornamental bastante comum no Brasil, mas pode ser também plenamente aproveitada como alimento. O fruto, conservado em vinagre de maçã, torna-se um excelente substituto para a alcaparra.





FLOR NA SALADA

Produzida na região do Extremo Sul de Porto Alegre, que concentra mais de 80% da atividade agropecuária da Capital, a flor lanterninha chinesa é um destaque em saladas, tanto por sua beleza quanto sabor.





FRISANTE PORTO-ALEGRENSE

Hibisco, considerado o produto mais notável da horta comunitária da Lomba do Pinheiro, é utilizado no preparo de um frisante genuinamente porto-alegrense.





MOSTARDA DE BUTIÁ

Mostarda de butiá produzida em Gramado e Tapes.





SETE DE SETEMBRO

Uma indústria de agricultura família de Sete de Setembro, na Região das Missões, produz conserva de porunguinho, um tipo de cucurbitácea, como a abóbora. Com butiá iatai, a empresa envasa o fruto em calda, uma boa opção de sobremesa. A polpa do butiá pode ser utilizado para o preparo de licor, geleia, suco, molho, mousse e bolacha.



Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil
2ª Edição

PARA SABER MAIS

O livro Plantas Alimentícias Não Convencionais (Panc) no Brasil (Plantarum, 2014), de Valdely Ferreira Kinupp e Harri Lorenzi, é considerado uma das principais referências bibliográficas mundiais sobre o assunto. Além de oferecer informação científica sobre as plantas, apresenta receitas culinárias para aproveitamento.

FONTE: CAFÉ COM PANC

Cheias levaram plantios na Ilha do Pavão

Horta no local havia sido implantada há quatro anos e era gerida pela ONG Misturaí, responsável hoje pela administração do espaço Boa Vizinhança, na Vila Planetário, no bairro Santana, zona leste da Capital

Sediada na Vila Planetário, no bairro Santana, em Porto Alegre, a organização não-governamental Misturaí chegou a administrar três hortas na Capital. Hoje, somente uma, a da Boa Vizinha, na própria vila, uma comunidade carente, segue em plena operação. Outra, na praça Delegado Carlos Armando Gadret, foi devastada pelas chuvas de maio, mas ainda poderá ser recuperada. Trata-se da única horta implantada em praça pública, em projeto autorizado pela prefeitura a partir de julho de 2022. A terceira, na Ilha do Pavão, no bairro Arquipélago, teve perda total na catástrofe climática.

"Havíamos plantado umas 15 árvores frutíferas na Ilha do Pavão. Fomos entendendo que para ter um engajamento da comunidade era mais complicado. As hortaliças precisam de muito cuidado para viver bem, para produzir o alimento. As frutíferas produzem com mais facilidade e em maior abundância. Tu tens mais resultado com uma laranjeira do que plantando alface", diz a cientista social Ana Berni Helebrandt, 41, exemplificando como produção e ação social podem se combinar quando se trata de uma horta comunitária.

Ana atua na Regeneraí, uma frente de trabalho da Misturaí focada em sustentabilidade, o que inclui hortas comunitárias. A da Ilha do Pavão existia há quatro anos até ser levada pela cheia ocorrida no Rio Jacuí. A da Boa Vizinhança, na Planetário, tem cerca de três anos e dela os moradores obtêm, basicamente, temperos e chás. "O que o pessoal mais está consumindo ali é ora pro nobis. Tem as medicinais, que a comunidade reconhece, como penicilina, erva cidreira, citronela e peixinho da horta", descreve. A horta dispõe da própria área de compostagem. "Aos poucos, vamos sonhando que toda comunidade vá se engajando", comenta a cientista social.

Para Ana e os colegas do Regeneraí, a horta comunitária é definida como o "terceiro lugar". "O primeiro lugar é a residência. O segundo lugar é o trabalho. O terceiro lugar é social, um espaço de bem-estar, de segurança, de trocas, de sociabilização na comunidade. Um outro lugar, um lugar diferente. Que ali elas possam fazer o trabalho de botar a mão na terra, observar o tempo das coisas, como a planta reage", explica. "É nisto que a gente acredita na condução das hortas. Até mais do que no fornecimento de alimentos. Para alimentar uma comunidade, precisamos de um espaço gigante. Nossos espaços são bem pequenos", justifica.

Assim, para a cientista social, o mesmo canteiro que propicia folhas de manjericão, para temperar molho de tomate, e poejo, "que o pessoal gosta de dar para os nenês", também seria a terra em que germina bem-estar espiritual aos moradores de "comunidades extremamente carentes, que passam por muitas situações de violência e de desamparo pelo estado. Tentamos ajudar essas pessoas a recuperar a autoestima e o autocuidado, que estão lá sozinhas, senão abandonadas, e mostrar que dá para fazer um monte de coisas bonitas com o que se tem", afirma.

REGENERAÍ/DIVULGAÇÃO/CP



Áreas cultivadas na Ilha do Pavão proporcionavam a produção de alimentos como a abóbora, exibida por uma das colaboradora da iniciativa

Lomba do Pinheiro se mantém há 13 anos

Criada em 2011, horta na zona leste de Porto Alegre é referência na Capital e em todo o Rio Grande do Sul, pela longevidade e multiplicidade de cultivos, que incluem desde hortaliças até frutas e plantas medicinais

Horta comunitária mais antiga em Porto Alegre, implantada em 2011, a da Lomba do Pinheiro, no bairro homônimo, localizado na zona leste da cidade, é considerada também uma referência para iniciativas similares tanto no município quanto no Rio Grande do Sul. Além da longevidade, ocorrência rara entre as áreas coletivas de plantio e convivência, o espaço contribui para a qualificação desde a multifuncionalidade que proporciona, passando pela estrutura de que dispõe, até a extensão da área ocupada.

O terreno, cedido em comodato pela Prefeitura Municipal, tem quatro hectares, sendo bem maior do que o de todas as demais hortas existentes na Capital. As 68 hortas planejadas pela administração municipal, por exemplo, deverão ter área inicial de cerca de 250 metros quadrados cada uma. Abastecida pela rede de água e de energia elétrica, o local tem uma estufa e realiza a própria compostagem. Além da compostagem, a horta também "adquiriu uma condição de boa fertilidade do solo, com muita adição de matéria orgânica nesses 13 anos de existência de projeto contínuo", destaca o engenheiro agrônomo Antônio Elisandro de Oliveira, do Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre.

UM POUCO DE TUDO

"Produzimos um pouco de tudo", orgulha-se Lurdes Agatha Guiconi, 64 anos, uma das fundadoras e coordenadora da horta da Lomba do Pinheiro. "Temos hortaliças, plantas medicinais, temperos, plantas alimentícias não convencionais, temos um pomar. O hibisco é nosso carro-chefe. Produzimos mudas, cuja venda ajuda no projeto", complementa. A renda, porém, não basta para a autossuficiência da ação, nem para remunerar os colaboradores, todos voluntários.

Com o hibisco, são preparadas geleias e xaropes. A produção "é dividida em partes iguais entre aqueles que integram a equipe", explica Lurdes, mas salienta que nunca o empreendimento nega algo para alguém interessado. "A pessoa não deixa de levar, mas o objetivo é fazer participar, ajudar. A colheita é coletiva", comenta.

LURDES AGATHA GUICONI / ESPECIAL / CP



Uma das principais produções da horta são os derivados do hibisco, planta com fins medicinais a partir da qual são obtidos xaropes e geleias

A exemplo do que ocorre em outras hortas comunitárias, há dificuldade para quantificar a produção, e isso sequer representa um problema para a atividade. Situação diferente poderá ocorrer com as hortas previstas pela Secretaria de Governança e Coordenação Política, na qual o foco prioritário deverá ser, de fato, a oferta de alimentos. Na Lomba do Pinheiro, no entanto, "as mil e uma utilidades", como Lurdes descreve, contam mais do que o peso e o volume de alimentos disponibilizados. "A horta é terapêutica, pedagógica, permite a inclusão social. Temos trabalhadores do Tribunal de Justiça [apenados em processo de ressocialização], atendemos mulheres em situação de violência doméstica. Elas se sentem ouvidas, é uma forma de empoderamento. As pessoas chegam aqui e dizem que estão visitando o paraíso. Além de ter alimento saudável e orgânico", afirma.

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R$) — Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	107,51	110,93	118,00
Boi gordo	kg vivo	7,90	8,58	10,00
Búfalo	kg vivo	6,00	7,02	8,80
Cordeiro p/ abate	kg vivo	7,00	8,32	10,00
Feijão	saco 60 kg	160,00	282,41	510,00
Milho	saco 60 kg	54,00	57,80	73,00
Soja	saco 60 kg	120,00	123,00	131,00
Suíno	kg vivo	4,55	5,12	5,40
Trigo	saco 60 kg	54,00	67,44	71,00
Vaca	kg vivo	6,93	7,49	8,00

Semana de 24/06/2024 a 28/06/2024

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	10.033,3	10.395,7
Feijão	3.040,6	3.331,3
Milho	131.865,9	114.144,3
Soja	154.617,4	147.353,5
Trigo	10.817,5	9.065,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	1.479,6	1.591,6
Feijão	2.693,6	2.844,7
Milho	22.267,4	20.837,6
Soja	44.075,6	45.978,0
Trigo	3.450,5	3.078,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	6.934,4	7.083,1
Feijão	72,7	75,4
Milho	3.731,8	4.914,7
Soja	13.018,4	20.193,2
Trigo	5.732,6	4.187,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	862,6	900,6
Feijão	47,6	48,5
Milho	831,5	814,9
Soja	6.555,1	6.764,9
Trigo	1.454,6	1.342,0

Dados do 9° Levantamento de Safra 2023/2024 da Conab



CAMPEREADA

PAULO MENDES
pmendes@correiodopovo.com.br

Os vãos da memória

Aqui na frente de casa tem uma escolinha infantil que todos os anos, em junho, fecha a rua e realiza uma linda festa de São João. Alguns vizinhos reclamam da música alta, do banzé, da rua interditada, dos transtornos. Nunca reclamei, até porque vejo a alegria no rosto das crianças fantasiadas, as danças e as brincadeiras. E também recordo minha infância humilde lá na Vila Rica, vivendo numa pequena chácara perto da cidade, servindo clientes em nosso bolicho beira de estrada, aprendendo a trabalhar desde guri, a ter responsabilidades, e a me divertir com coisas simples, pequenas atividades de lazer que nós mesmos fazíamos. Como as festinhas de São João, que nem lembro quem teve a ideia de fazer. Deve ter sido à noite, num fim de semana de frio lá na bodega, quando o pessoal da vizinhança – tropeiros, peões e changueiros — tomava uns goles e abria o pensamento.

Ficava imóvel, sempre, quando acendíamos a fogueira, bem embaixo, no pé, depois as chamas da lenha que tínhamos rebuscado pelos matos iam subindo, as taquareiras verdes começavam a estralar e, por fim, todo o esteio pegava fogo, as labaredas cresciam e, lá em riba, os pneus velhos davam aquele clarão que tanto esperávamos. Era o auge, momento único que sabíamos que ia demorar a ocorrer de novo. Era lindo o esplendor de luzes e cores e a gente ali, vendo tudo. Um sonho tanta luz em meio àquela escuridão. Nós, as crianças, vivíamos numa espécie de solidão escura, de informação e de conhecimento. A gente não sabia, ninguém perguntava, ninguém questionava. O bom era degustar os bolos, os doces e tomar quentão, além de escutar a gaita do seu Lara.

LEONID STRELIAEV / ESPECIAL / CP



Era um tempo de rondas de noites longas e claras. O arvoredo, por vezes, se paramentava de luas e sombras, O sereno dava de beber à sede que trazíamos nos bolsos furados e as folhas caíam dos caules e amarelavam lentamente ao sol, perfilhando na terra seu infinito. Porque o cabelo na ponta da espiga é a palavra dos grãos e as revelações que dele ressoam. A gurizada era um sopro de coisas ressurgidas das pedras e do fundo da terra. Havia mistérios fisgados no silêncio. Olhares rendilhando desejos clarificados, amanhecidos, fincados no couro e no lombo suado dos pingos ainda redomões. Havia amanheceres que eram pinturas e quadros abandonados pendurados em casas vazias, taperadas de lembranças. O que éramos senão silhuetas de grãos que nunca amadurecem?



Havia amanheceres que eram pinturas e quadros abandonados pendurados em casas vazias, taperadas de lembranças.

E agora estamos aqui, de novo, vendo as crianças dançando, brincando com balões, fazendo algazarras. Volto para lá, outra vez, para os vãos da memória, para as rocas de julho, sinto nas mãos as loncas correndo nos calos, os pedaços de tardes que ainda tenho, as pequenas luzes que permanecem acesas contra o triste ornato dos talheres de prata, no fundo dos espelhos quebrados. Vou e volto numa desforra tropeira de campeirito que assobia canções esquecidas. Busco o sarandeio das reminiscências no profundo da noite escura e mermada de silêncios. Uma tropa de fogueiras prontas para atacar, em formação, brandindo espadas em chicotes de fogo e luz, avançando nos sonhos e fantasias. Como um cão ferido, de olhos de sangue, farejo o mundo que me sobra e abro o ferrolho da minha saudade...